



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia alusiva à visita às instalações da fábrica de celulose branqueada de eucalipto da Fibria/Votorantim e da fábrica da International Paper do Brasil

Três Lagoas-MS, 19 de fevereiro de 2010

Meu caro governador do estado do Mato Grosso do Sul, André Puccinelli,

Meu querido companheiro ministro da Secretaria de Comunicação Social, Franklin Martins,

Meu caro companheiro Zeca do PT, ex-governador do estado do Mato Grosso do Sul,

Meu caro companheiro senador Delcídio Amaral,

Companheiros deputados federais Antônio Carlos Biffi, Dagoberto, Geraldo Resende e Vander Loubet,

Meu caro companheiro Ivan Ramalho, secretário executivo do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio,

Meu caro prefeito de Campo Grande, Nelson Trad,

Querida prefeita Simone Nassar Tebet, prefeita de Três Lagoas, por intermédio de quem eu quero cumprimentar todos os prefeitos aqui presentes,

Meu caro Carlos Ermírio de Moraes, presidente do Conselho da Votorantim,

Meu caro Carlos Augusto Lira Aguiar, diretor-presidente da Fibria,

Meu caro Jean-Michel Ribieras, presidente da International Paper para a América Latina,

E meu caro José Carvalho Gomes Viana, por meio de quem cumprimento todos os trabalhadores aqui presentes,

Minhas amigas e meus amigos,



Primeiro, dizer para vocês da minha alegria de estar aqui em Três Lagoas, não para inaugurar esta fábrica, mas para fazer uma visita a um projeto que era um sonho três anos e meio atrás e que virou realidade muito rapidamente.

Eu lembro o dia em que o companheiro Zeca do PT, então governador do estado do Mato Grosso do Sul, mais um grupo de deputados do estado do Mato Grosso do Sul e o senador Ramez Tebet estiveram na minha sala para dizer que iam trazer para Três Lagoas uma fábrica chamada International Paper.

Eu achei muita petulância do Governador do Mato Grosso do Sul achar que poderia trazer uma fábrica chamada International Paper para o Mato Grosso do Sul. Mas, de qualquer forma, a gente só realiza os sonhos quando a gente vai atrás. Eu acho que era 2005 ainda, quando eles me anunciaram que iam aos Estados Unidos conversar com a direção da empresa, para ver se a fábrica viria se implantar aqui em Três Lagoas.

Feita aquela conversa, eles foram embora e eu, depois, só tive notícia quando, já em dezembro de 2007, o Puccinelli, então já eleito governador do estado, e o Zeca no final do mandato, vieram lançar a pedra fundamental aqui em Três Lagoas.

E agora nós estamos aqui. Era para ter vindo na inauguração, não foi possível vir na inauguração. Mas eu diria que é muito mais importante visitar esta fábrica em franca produção, para a gente ter noção das mudanças que estão acontecendo na região, da qualificação a que os trabalhadores foram submetidos e o que significa isso para o desenvolvimento do estado do Mato Grosso [do Sul] e para o desenvolvimento de Três Lagoas e região.

Mas, Prefeita, você sabe que eu guardei uma caneta para tomar posse, desde 1989. Eu ganhei uma caneta, uma Mont Blanc bonita e eu falei: Essa caneta vai ser a caneta da minha posse. Só que eu perdi em [19]89, e a caneta



ficou guardada. Em [19]94, eu disputei outra vez, a canetinha guardada, perdi as eleições. Em [19]98, eu disputei outra vez, perdi as eleições, a canetinha guardada. Eu até comecei a pensar que a tinta já tinha endurecido e que não ia mais escrever, a caneta.

Finalmente, em 2002, eu ganho as eleições, vou tomar posse, qual não é a minha surpresa, eu esqueci minha caneta. A caneta que esperou 12 anos, eu esqueci! E para tomar posse, eu assinei a minha posse com uma caneta que o então presidente do Senado, Ramez Tebet, me deu, e que está no arquivo presidencial, porque foi a caneta que surgiu para que eu pudesse assinar a minha posse.

Eu penso que essa história é importante, porque eu vim aqui, no velório e no enterro do seu pai. Muitas vezes, uma pessoa projeta uma obra, projeta a construção de uma coisa e nem todo mundo consegue prever e assistir à concretização daquele sonho.

O Ramez Tebet não está aqui. Mas sabe o Puccinelli, sabe o Zeca, sabem os deputados, que se ele estivesse aqui ele estaria tão feliz quanto qualquer menina ou menino destes que estão aqui, e estão felizes e alegres porque é o estado do Mato Grosso, é Três Lagoas e é o Brasil que conseguiu construir uma fábrica moderna, competitiva e que não deve nada a nenhuma outra fábrica do mundo, nem do ponto de vista tecnológico e nem do ponto de vista da nossa mão de obra.

Aliás, Governador e diretores da empresa, já virou moda toda empresa multinacional instalada no Brasil dizer que o trabalhador brasileiro é o mais versátil, é o mais inteligente e é o mais criativo. O que faltava para os brasileiros era oportunidade. Na hora em que eles têm oportunidade, eles não têm medo de americano, de chinês, de francês, de javanês ou de quem quer que seja, porque as pessoas têm competência e criatividade.

Mas eu queria... Eu dispensei o meu discurso, porque o meu discurso era sobre a fábrica. E como falaram todos os diretores da fábrica, não seria eu,



um estranho no ninho, a falar de uma matéria que eles conhecem mais do que eu.

Eu queria falar um pouco do momento que o nosso país está vivendo, porque a construção de uma nação depende de uma série de fatores. E o Brasil está vivendo um momento em que uma série de fatores está permitindo que este país saia do atraso a que ele esteve submetido durante décadas, e que este país volte a crescer, porque ficou praticamente 26 anos sem crescimento econômico. Este país tem uma geração e meia que ficou assistindo a economia ficar atrofiada. Quando a gente vê um jovem na cadeia, de 25 anos de idade ou 28 anos, a gente, ao culpabilizá-lo, a gente tem que lembrar que ele é resultado de um momento que este país viveu, em que não se gerava emprego, não se formava profissionalmente, não se dava oportunidade de estudar para milhões de jovens que durante todo os anos 80 e os anos 90 ficaram com a expectativa de que o País lhes desse a oportunidade que eles precisavam.

Então, o Brasil está vivendo hoje um outro momento. Um momento em que nós ainda não atingimos aquilo que é preciso atingir, mas um momento em que nós chegamos a perceber, com muita nitidez, que o Brasil não voltará mais a ser aquele país pequeno, aquele país que pensava pequeno, aquele país maltratado no exterior, aquele país desrespeitado no exterior. O Brasil ganhou grandeza, respeito e dimensão. E só ganhou isso porque nos momentos mais difíceis da história deste país o povo brasileiro soube erguer a sua cabeça e soube mostrar que tem autoestima.

Eu queria contar para vocês porque na crise econômica, que aconteceu no ano passado, porque na crise econômica de 2008 o Brasil não teve o mesmo atrofiamento que teve a Europa, que teve os Estados Unidos, que teve o Japão. Por que, antes, a qualquer crise econômica o Brasil quebrava e, desta vez, o Brasil era o país mais preparado para enfrentar a crise?

Essas coisas nós não aprendemos apenas na escola. Essas coisas são



atitudes políticas que você toma, ou individualmente ou em conjunto, dentro de um governo ou com outros setores da sociedade, para fazer com que as decisões sejam as mais acertadas possíveis.

E por que o Brasil teve essa situação? O mês de janeiro agora, meus caros companheiros, é um mês atípico na geração de empregos. Normalmente, dezembro é um mês que tem muita dispensa e janeiro é o mês que ainda tem rescaldo da dispensa de dezembro. Este mês de janeiro, ao fecharmos o Caged no dia 17, o Brasil gerou 181 mil novos postos de trabalho. É o maior número de empregos desde a medição do Caged, em 1992.

Eu falo aqui, meu caro Carlos Ermírio, sem nenhuma presunção: este ano vai ser um ano recorde de geração de empregos na história deste país. Eu queria que vocês acompanhassem mês a mês, para que a gente pudesse ir vendo o que vai acontecer: o que vai acontecer na agricultura brasileira, o que vai acontecer na construção civil brasileira, o que vai acontecer na indústria de máquinas neste país, o que vai acontecer na indústria do álcool e do açúcar, o que vai acontecer nas mais diferentes atividades econômicas do País este ano.

Primeiro, porque nós fomos os últimos a entrar na crise e o primeiro a sair da crise. Segundo, porque nós criamos uma espécie de colchão – aquele colchão que quando vocês virem um atleta, nas Olimpíadas, pular aquele pulo na vara e que tem um colchão para ele não se machucar –, nós criamos um colchão para a economia brasileira, e um colchão muito volumoso, um colchão com muita pena de ganso ou... não é de capim, é uma coisa mais chique do que capim. Porque este colchão hoje significa que o Brasil que antes, todo ano, tinha que correr ao Fundo Monetário Internacional para pedir dinheiro para poder fechar o caixa no final do ano, o Brasil, além de ter US\$ 240 bilhões em reservas guardados, o Brasil ainda emprestou US\$ 14 bilhões para o FMI, para que eles saibam que o Brasil hoje é uma coisa muito diferente daquilo que nós éramos dez anos atrás, quando a qualquer crise econômica, o primeiro a quebrar era o Brasil.



Se o Brasil de hoje fosse o Brasil dos anos 90, essa crise da Grécia já tinha quebrado o Brasil. Qualquer crise, em qualquer lugar do mundo, quebrava países como o Brasil, como o México, como a Argentina. E essa crise da Grécia, nós podemos olhar para o nosso presidente da International Paper e dizer: Você, que é francês, essa crise é mais sua do que nossa, porque o Brasil está muito tranquilo para enfrentar essa e outras crises.

E, aí, tem uma coisa mais importante que cabe aos empresários, que cabe aos trabalhadores, que cabe à classe política brasileira, que é a autoestima deste país e do povo brasileiro. Acabou o tempo em que brasileiro andava no mundo de cabeça baixa, se achando cidadão de segunda categoria. Acabou. Acabou o tempo em que a gente andava no mundo de cabeça baixa, pedindo favor para entrar nos lugares, pedindo licença, e muita gente pisoteando o Brasil.

Isso eu não aprendi na escola. Isso eu aprendi na minha sobrevivência diária: respeito a gente só recebe quando a gente próprio se respeita, e quando a gente dá respeito. Eu aprendi a me respeitar e gosto que os outros me respeitem, porque eu gosto de respeitar os outros. É assim que nós nos confrontamos neste mundo. É assim que nós conversamos com os americanos, com os franceses, com os chineses, com os japoneses, com os indianos. Eu não quero ser maior e melhor do que ninguém, mas também não quero ser tratado de forma inferior a nenhum deles. Quero tratar olho no olho, dizer que eu tenho deveres e que eu tenho direitos, e que eles também têm deveres e têm direitos. Se cada um cumprir a sua parte, nós todos estaremos muito mais felizes.

Eu sou daqueles que trabalho e acredito que este país, até 2016, estará entre a 5ª economia nacional, estará entre as cinco maiores economias do mundo, porque foi um século inteiro a gente dizendo que o Brasil seria o país do futuro, o país do futuro, e cada vez que a gente olhava, a gente estava virando mais um país do passado. Agora, o futuro, como disse a Prefeita, não é



amanhã, o futuro foi ontem, o futuro é hoje e o futuro será amanhã, se a gente andar de cabeça erguida neste país.

Eu dizia aos empresários ali, há pouco, uma novidade que aconteceu no Brasil, porque tem muita gente que fica dizendo que o Brasil deu certo porque eu tenho sorte. Graças a Deus eu tenho sorte, porque um time que tem um goleiro que não tem sorte não ganha campeonato. Eu tenho muita sorte, tenho muita fé em Deus, e trabalho muito para as coisas acontecerem.

Quando eu entrei para presidente deste país, em março de 2003 a Caixa Econômica Federal só emprestava, no Brasil inteiro, R\$ 5 bilhões. No ano passado ela fechou emprestando R\$ 45 bilhões, nove vezes mais. Em março de 2003, o Brasil inteiro tinha R\$ 380 bilhões de crédito para 191 milhões de brasileiros. Hoje, o Brasil tem 1 trilhão e 410 bilhões de crédito. Só o Banco do Brasil, hoje, tem todo o crédito que o Brasil tinha, inteiro, em 2003. Só o crédito consignado hoje representa R\$ 105 bilhões na mão do povo mais pobre, consumindo alguma coisa neste país. Nós éramos um país capitalista em que o povo nem tinha capital, nem tinha crédito e nem tinha capacidade de consumo. Então, era um país que produzia para exportar ou para vender migalhas aqui dentro. Agora, não. Agora, nós aprendemos que este país só será grande se a gente acreditar, primeiro, na alma dos brasileiros; segundo, se a gente fizer os investimentos necessários na educação.

E, aí, outra coisa que me deixa com motivo de orgulho, e eu quero dizer para vocês. Eu e o Zé Alencar somos os dois únicos presidente e vice-presidente da República que não tivemos a sorte de ter um diploma universitário. Na história do Brasil é a primeira vez que o presidente e o vice-presidente não têm diploma universitário. Mas vejam a ironia do destino: eu vou terminar o meu mandato como o presidente da República que mais fez universidade no Brasil e que mais fez escolas técnicas neste país. Nós, ao terminarmos oito anos de governo, nós vamos ter feito, de escolas técnicas, uma vez e meia aquilo que foi feito em um século. Tudo o que foi feito em um



século, nós fizemos uma vez e meia a mais. Ou seja, em um século foram feitas 140, nós vamos fazer, em oito anos, 214 escolas técnicas neste país.

A criação do ProUni, nós vamos chegar a 720 mil alunos pobres, da periferia deste país, cursando uma universidade, coisa que era impensável. E 40% desses meninos e meninas são negros da periferia, oriundos de escolas públicas deste país.

É por isso que eu acho que o Brasil mudou de patamar, e vai mudar de patamar. É por isso que eu acho que o Brasil aprendeu a crescer e não vai parar de crescer; aprendeu a gerar empregos e não vai parar de gerar empregos; aprendeu a aumentar salário e não vai deixar de aumentar salário. Porque também os empresários brasileiros precisam compreender que o trabalhador tem que ganhar, no mínimo, o suficiente para comprar os produtos que ele fabrica na fábrica do seu empresário. Nós não queremos produzir carro para exportar, nós queremos consumir; nós não queremos exportar [produzir] geladeira para exportar, queremos para consumir; nós não queremos que vocês façam fábrica de cimento para exportar, nós queremos é usar aqui dentro, nós queremos utilizar o papel aqui dentro. E isso só vai ser possível se o povo ganhar o suficiente para viver uma vida digna.

É por isso que na crise econômica, de repente, a indústria automobilística brasileira era a indústria que mais vendia carro. Porque tem gente que acha que pobre não pode ter carro, tem gente acha que: “carro só pode ter quem troca o carro a cada dois anos”. O pessoal não percebe que, muitas vezes, a gente, com um carrinho cinco, seis, sete, oito anos na mão da gente, só o prazer de a gente colocar ele para fora da garagem e ficar lavando ele no sábado, para as pessoas perceberem que a gente tem carro, já valeu a pena. As pessoas, muitas vezes... eu lembro quando nós fomos reduzir o imposto do material de construção civil, Puccinelli e Zeca, teve um companheiro que falou assim para mim: “Ah, mas o senhor quer baixar o preço do azulejo, o senhor quer reduzir o preço do imposto da cerâmica, isso é coisa



de rico”. E eu fiquei pensando: esse cara não sabe o que é um pobre nesse país, porque quem gosta de azulejo até o teto é pobre, se puder faz até um estuque de azulejo, quanto mais bonito, melhor. As pessoas passaram a entender, a perceber que pobre gosta de ganhar pouco, gosta de morar mal, gosta de comer mal, olha que loucura! Nós gostamos é de coisa boa, do melhor que for possível, só não temos se o dinheiro não der. E é por isso que hoje existe uma nova mentalidade na medida em que vocês estão se formando, estão se qualificando e estão virando profissionais que passam a ter um valor. Vocês não sabem o valor que dou à formação de uma menina, o valor que eu dou à formação de um menino.

Eu dizia ao companheiro que fez uso da palavra, que veio aqui todo pomposo e falou que estudou no Senai, e eu disse para ele: meu filho, o Senai fez esse presidente da República aqui, pode fazer você ou tantos aqui quanto quiserem [ser] presidentes da República. Porque uma coisa é que antigamente o trabalhador achava que ele só podia ir para o palanque para ficar em baixo batendo palma e ele achava que só podia ser candidato quem fosse grã-fino, e nós descobrimos, como diria o Obama, que nós podemos. Nós podemos, queremos e devemos. Muitas vezes governar a nossa cidade, o nosso estado, o nosso país, para a gente poder provar que nós temos competência de fazer coisas que muitas vezes apenas a escola não ensina. Porque tem coisa da alma, tem coisa da consciência, tem coisa do coração, tem a sensibilidade, que essas coisas, lamentavelmente, a gente não aprende, é tomada de decisão na hora. E é por isso que o Brasil está vivendo esse momento extraordinário que está vivendo.

Eu fico feliz quando eu vejo uma moça, meus companheiros da Fibria e da International Paper, trabalhando e formada profissionalmente. Porque eu fico imaginando o quanto a mulher, historicamente, foi submissa dentro de casa exatamente pela dependência financeira. Uma mulher que não tem uma profissão, que não tem um salário e que faz apenas o trabalho doméstico é



uma desgraça tão grande, que ela tem que lavar roupa para quatro filhos, arrumar a cama, fazer comida, preparar para dormir, cuidar de tudo, e ainda perguntam: “Você trabalha?” Ela fala: “Não”. Criou-se o conceito de que esse trabalho pesado de dentro de casa não é trabalho: limpar cocô de criança, lavar fraldas, fazer comida, lavar pratos. Aí perguntam: “A senhora trabalha?”. “Não, eu fico em casa.” Você veja o que é a conceituação de uma coisa equivocada. Agora, quando a mulher... e muitas vezes essa mulher tem medo do marido, porque ela não tem salário, o feijão é colocado pelo marido dentro de casa. E eu acho que o Brasil só será um país justo, primeiro, quando o homem compreender que ele não casa com a mulher para judiar dela ou para bater nela. Ele casa para viver com ela em harmonia e constituir família. Segundo, a mulher saber que ela está morando com um homem porque ela quer e porque ela gosta dele, e não porque ela precisa do prato de feijão que ele leva para dentro de casa ou o prato de arroz, como a gente foi educado neste país a acreditar, e na Humanidade, praticamente.

Então, uma fábrica dessa, criada no interior do Mato Grosso do Sul, nessa cidade à beira desse rio extraordinário, Três Lagoas, e que a gente vê o potencial de formação profissional da quantidade de gente... porque eu encontrei gente aqui de vários lugares, já. A maioria é de Três Lagoas, mas tem companheiros já da Bahia, tem companheiros de Minas Gerais, tem companheiros de São Paulo, tem companheiros de Mogi das Cruzes, deve ter companheiros de vários lugares já se instalando aqui. Logo, logo, essa cidade, que era uma cidade pequena do interior, estará virando uma metrópole na fronteira do Mato Grosso com São Paulo. Isso é motivo de orgulho e eu não poderia deixar de vir aqui.

Meu querido governador Puccinelli e companheiros... o Puccinelli falou da fábrica de fertilizantes. Eu poderia dizer: Puccinelli, você ligue para o Paulo Hartung, que é do PMDB e é governador do Espírito Santo, que quer uma audiência comigo para falar da fábrica de fertilizantes. Minas Gerais quer falar



da fábrica de fertilizantes. Obviamente que você conhece a Petrobras. O critério para a escolha da implantação de uma fábrica nunca será o critério político, será o critério técnico, será o critério que permita que, do ponto de vista logístico, seja mais interessante para a empresa. E aí eu quero dizer para vocês que o presidente da República não terá incidência. Se a Petrobras disser: “Tal lugar é tecnicamente mais importante, porque a logística de tal lugar é mais importante”, pode ficar tranquila que este Presidente da República não dará palpite, porque a gente não acha que a política deva interferir nos interesses particulares de uma empresa multinacional, como é a nossa querida Petrobras.

Eu acho que o Mato Grosso do Sul tem características próprias. Esta região aqui, todo o Centro-Oeste do Brasil produz hoje a maior parte dos grãos que nós consumimos e que exportamos. Portanto, é uma região que vai consumir os fertilizantes aqui produzidos e, portanto, tem razões técnicas e tem razões de logística para que a fábrica de fertilizantes seja no estado do Mato Grosso do Sul e aqui em Três Lagoas. Eu só posso dizer isso aos companheiros, sem assumir um compromisso aqui mais contundente de que eu vou bancar que seja aqui, porque eu não faria isso e não faria essa promessa.

Uma vez, em [19]89, Prefeita, eu fui a Santarém. Em Santarém, o pessoal me levou a um marco zero que tinha lá, era o ponto zero da cidade, e me levaram para prometer que eu ia construir a Cuiabá-Santarém. Eu não prometi, não prometi porque eu não conhecia o projeto, não prometi porque eu não conhecia a viabilidade econômica. E eu, que não prometi, estou fazendo a estrada que os outros prometeram e não fizeram. Então, eu prefiro fazer as coisas sem prometer, do que prometer e depois não fazer, me encontrar vocês daqui a cinco ou seis anos e vocês me cobrarem: “Ô Lula, cadê, cadê, cadê, meu? Prometeu em um ano eleitoral e não cumpriu.” Então, eu não vou fazer promessa. Eu só posso dizer que, estrategicamente, este estado tem



condições favoráveis para receber esta e outras fábricas, porque a implantação destas duas fábricas aqui, de papel e celulose, é um cartão postal para que outras empresas venham conhecer o potencial deste estado, desta cidade e desta região.

Por isso, Prefeita, parabéns. Por isso, Governador, parabéns. Por isso, trabalhadores e trabalhadoras do Mato Grosso do Sul e de Três Lagoas, que Deus abençoe e que permita que vocês continuem com essa cara bonita de esperança no futuro. Eu espero que vocês possam, a partir de uma empresa como esta, construir a vida de vocês nesta cidade extraordinária chamada Três Lagoas.

Que Deus abençoe a todos vocês, e obrigada aos empresários pela confiança do investimento aqui feito.

(\$211A)